

O FIGUEIROENSE

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PROPRIETARIO E EDITOR—CARLOS D'ARAÚJO LACERDA—DIRECTOR, MANUEL GODINHO DA SILVA—SECRETARIO, ARTHUR DE PAIVA FURTADO

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	600
Para o Brazil, por anno	2\$000
Para a Africa, por anno	1\$200
Numero avulso	30

annunciam-se as ooras das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Administração, composição e impressão na typographia do

CENTRO REPUBLICANO

RUA DA AGUA—FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	20 réis
Repetições	30
Imposto do sello	10

Originães sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados
preço convencional.

PREZOS POLITICOS

Quem, como nós, tem o legitimo orgulho de se encontrar na extrema vanguarda d'aquelles que iniciaram esse **alto grito de piedade**, que o paiz inteiro hoje repete e que ha-de levar o patriótico Governo da Republica a decretar e usar para com os conspiradores vencidos, a humanidade que em todo o mundo culto se reclama e se pratica para com os *presos politicos*, não pôde deixar de rejubilar e de se envaidecer, vendo empenhadas na mesma benefica crusada as mais altas individualidades do nosso Paiz, entre as quaes tão brilhantemente se destacam o talentoso chefe do Partido Evolucionista e essa legitima gloria do fôro Portuguez que se chama Cunha e Costa.

O artigo «**pela verdade**» que o Dr. Antonio José de Almeida publicou na «Republica» de 22 do corrente mez e a **Carta** do Dr. Cunha e Costa, publicada no numero seguinte do mesmo jornal, que, com a devida venia, vamos transcrever, são **gritos d'alma** tão repassados de sentimento e impregnados de patriotismo que não há *dureza* que resista á sua leitura!

Como bem disse o Dr. Cunha e Costa:—O *portuguez* que os ler *tem que chorar*, e do coração que uma vez pode produzil-as jamais devem exigir-se, tamanhas provas!

“PELA VERDADE

Os presos politicos deram entrada na penitenciaria, e, segundo se afirma, sob a sua frente caiu o trágico capuz. Com o fardamento da casa e a máscara de lona, elles, passando uns pelos outros, nos corredores silenciosos, devem dar-se a impressão de fantasmas, evocados de um mundo desaparecido, como desaparecido para sempre foi o regime que quizeram restaurar e por cujo delicto, recolheram, mortos-vivos, á casa lugubre da penitencia. Sim, da penitencia, porque parece que nesta avançada Republica, livre-pensadora e arreligiosa, por qualquer má fado, ainda esta palavra de baixeza e sujeição, passageiramente ao menos, tem de ser proferida, recordando a terminologia do catolicismo, em que o penitente, de rastos, só tinha a esperança falaz e doentia do alémtimo.

Quem foi que assim o determinou? O governo da Republica. Em nome de que razões? Não sei. Não sei, mas elas devem ter sido fortes, porque eu quero fazer justiça aos membros do ministério, acreditando que nenhum d'elles, com prazer approvou, que aos criminosos politicos, fosse applicado um regime esmagador e cruel que, na opinião dos homens mais cultos da nossa época, nem aos

matricidas deve ser infligido. Sim, as razões devem ter sido fortes, mas, para mim, em todo o caso, por mais fortes que sejam, elas serão no campo em que me coloco, bem fracas.

Cortar ao criminoso politico, depois de julgado, o contacto com o mundo, é praticar um acto ilógico, porque é negar ao homem que praticou o delicto a possibilidade do arrependimento da sua falta, pela compreensão da verdade; e o regime que lançar mão de tal processo, a si proprio se prejudica, porque sufoca, na consciencia dos homens que venceu, o direito de análise á legitimidade das razões por que venceu.

Sem dúvida, que um castigo exemplar tinha de ser dado aos homens alucinados, que vieram perturbar o nosso esforço de regeneração nacional. Mas severidade não quer dizer deshumanidade nem cruza, e é mais do que tudo isso o regime penitenciário applicado a creaturas que ou se bateram por motu-proprio e desvairadamente por uma idéa, ou tola mente se deixaram arrebanhar por caciques, para uma empresa maléfica, cujo alcance não compreenderam. Tambem, entre os presos, há malfeteiros de profissão, que, embora sob o rótulo politico, só deram vasão a instintos canibalescos. Não os excludo, porque, com excepções, não se pôde argumentar e como com-

penção conservam-se cá fóra, julgados e condenados, facinoras de toda a espécie, que, mediante perdões ou escandalosas padrinhagens, são mais felizes do que os criminosos politicos, que, em todas as partes do mundo culto, têm regalias sobre os condenados por delictos comuns. Não contando, é claro, com a minha opinião formalmente contrária ao regime penitenciario para toda a espécie de criminosos.

Agarrar um homem que se bateu pelas armas, embora com as agravantes que são conhecidas nos actuais conspiradores, rapar-lhe o cabelo e a barba, envergar-lhe um uniforme, pôr-lhe um numero, enfiar-lhe um capuz infamemente na cabeça, cortar-lhe abruptamente as relações com o mundo exterior é praticar a suprema expressão do castigo. O que deixam então para os incendiarios e para os envenenadores? o que reservam para os parricidas?

Porque tratam assim os criminosos politicos? Porque é a Republica que governa? Mas, nesse caso gostariam os republicanos de ser tratados da mesma fórma se fôsse a monarchia que mandasse?...

Eu bem sei que certa lógica de encruzilhada me saltará sobre as espáduas, como uma fera bradando: «Cala-te reprobó; debes saber que a Republica é a verdade e a monarchia a mentira». Sim, sómente nós protestámos e nos revoltámos quando os nossos adversarios exclamavam, em tempos, que a monarchia era a justiça e a Republica era o embuste. E todavia, mesmo no tempo de João Franco, nós, republicanos, não chegámos a tór o cabelo rapado, nem os nossos olhos, para se moverem sob as palpebras, tiveram de reagir contra a viseira de lona da carapuça dos penitenciários. E quando foi de 31 de janeiro só um vencido, o cabo Salomé, deu entrada na penitenciaria, e esse mesmo, porque lhe assacaram circunstancias especiais, que não lograram aliás atenuar a onda de revolta que a monstruosidade despertou em todo o país.

Os regimes são fórmulas em que cristalisa a aspiração politica dos povos. Querer encerrar dentro de qualquer délas, para todas as consciencias, a mesma verdade suprema, seria uma loucura bizarra, inadmissivel em sociologia. Bem sei que em Portugal estamos em circunstancias diversas e que a superioridade da Republica sobre a monarchia é estrondosamente eloquente. Mas não é com a violencia brutal e desumana dos castigos que se há de abrir os olhos aos que estão em erro. Por tal processo só se consegue

abrir á piedade os corações sensíveis, e foi assim que, a nosso favor e contra a monarchia elles se abriram na época nefasta em que o franquismo, desabalado como um lobo, assolava a terra portuguesa. Os regimes só se impõem, convertendo os inimigos pelo seu procedimento ajustado e pela sua moral indefectivel. E proceder com juizo e manter-se moralmente inconcusso não é fazer contra os representantes de um regime para sempre extinto, o que elle nunca fez contra nós.

Diz-se para aí que o povo de Lisboa não tolerará que aos prisioneiros seja levantado o regime penitenciario! Engano estopido ou calunia vil! Se o povo de Lisboa é esse que fez a republica e a tem sabido defender por ela se sacrificando, eu respondo já em seu nome, garantindo que elle, querendo um castigo exemplar para os conspiradores, não reclama o regime penitenciario, que vai sendo reprovado, em todo o mundo civilisado, para os proprios assassinos. Agora se esse povo é a escumalha de aluguer, que em todos os tempos, aparece á babugem dos acontecimentos, esse talvez reclame a penitenciaria... para comprometer a republica.

Estranha situação é esta! O Brasil vai em breve transportar para a sua terra hospitaleira os conspiradores que estão em Espanha e que queiram para lá ir. A bordo do barco que os levar, respirando o ar a plenos pulmões, poderá ir Paiva Couceiro, o responsavel supremo e bem consciente da insurreição; e no tombadilho, de crucifixo pendente ao pescoço, poderá livremente passear, olhando o mar e olhando o céu, o cabecilha padre Domingos, que pertencia ao bando que entevnenou o vinho que os soldados republicanos haviam de beber. No Brasil o governo dar-lhes-há guarida e mantença até se collocarem. E tudo isto com o aplauso retumbante manifestado do governo portuguez. Todavia na penitenciaria, como bichos em tocas irrespiraveis, lentamente agonisarão os broncos camponeses de Azoia ou de Cabeceiras, que pegaram em armas, sem saber o que faziam muitos d'elles e porque assim lho mandaram os caciques, seus donos e senhores, que os dominavam como escravos em domesticidade ou como bestas de carga em servidão.

Estranha situação é esta! A monarchia, que fazia a apologia da força e vivia da violencia, não mandou para a penitenciaria os condenados politicos. Hio-de manda-los para lá os republicanos que, no antigo programa do seu glorioso partido, prometiam substituir o sistema peniten-



ciario por colonias penais agricolas e que, logo que foi proclamada a republica, inscreveram no rol a dacao das suas reivindicacoes a reforma penal?

Estranha situacao e esta! Entao vao expiar a sua culpa no silencio lugubre das celulas penitenciarias os criminosos politicos sob uma Republica liberal e progressiva, que tem por chefe Manuel de Arriaga, que foi eleito presidente por ser considerado a sintese luminosa da aspiracao republicana de Portugal, e que ainda ha dois dias, num documento oficial, disse que «a penitenciaria e uma monstruosa maquina de fazer imbecis, desventurados e doidos, introduzida em Portugal, em virtude de uma falsa teoria, hoje desterrada da sciencia para os proprios criminosos de delicto comum, e que o nosso sistema penal nela adoptado e abominavel.»—o mesmo Manuel de Arriaga que, em 1899, no congresso juridico reunido em Lisboa, protestou, com aplausos geraes, contra aquele pavoroso inferno?

Não! Não pode ser. Isto e tudo um equivooco ou um caso de força maior que o governo vai fazer terminar, antes que em todo o pais se levante um protesto que deixe mal ferida a Republica.

Dir-me-hão que e a lei. *Dura lex, sed lex!* Sim, sera a lei, mas ella tambem indica a alternativa do degredo. E a monarchia tinha a mesma lei e encontrou meio de lhe limpar a asperesa brutal. De resto, se o governo não pode intervir no caso, que o faça quem pode.

Castiguem-os. Mandem-os para o degredo ou, se tanto quizerem, para a cadeia, mas humanamente. Mas que eles, sem a liberdade do corpo, tenham ao menos os olhos livres para que, quanto mais não seja pelas grades da sua prisao, possam ver, para seu arrependimento, o claro ceu sob o qual esta raça generosa procura resgatar-se da miséria e da deshonra em que a lançou o regime que eles quizeram restaurar.

Na Penitenciaria não! Para isso era melhor terem-nos fusilado.

Era uma maneira de matar mais nobre e leal!

Antonio José de Almeida.

“CARTA”

Lisboa, 22 de agosto de 1912.

Sr. Dr. Antonio José de Almeida e meu prezado amigo.—O seu artigo de hoje *Pela Verdade* obrigou-me a quebrar o silencio a que ha longos mezes voluntariamente me condenei. Excepção feita do cumprimento dos deveres profissionais em que, e timbre da honrada classe a que pertenco não fazer caso da vida, não faço nem escrever livremente. De resto, se manãs se passam em que não leio jornais. Não vale a pena. Talvez por uma aberração da retina que o meu amigo, medico como e, melhor explicará, todos me parecem escritos com sangue.

Ficaria, porém, de mal com a propria consciencia se lhe não agradecesse, como favor muito pessoal, o seu artigo de hoje. Desde o dia em que li na imprensa do meu pais a pormenorizada *toilette* dos penitenciarios politicos, que ando affito e vexado. Nunca a nossa reportagem, de ordinario tão macambuzia, reve-

lou tanta lacundia e tanto espirito. O episodio desse desventurado a quem foi preciso fazer uma vestia e um capuz novos porque pesava cento e trinta kilos tem feito correr ondas de tinta. O que em tempos normais teria arrancado lagrimas aos olhos de um tigre, escancarou agora, em casquinadas de riso, as guelhas de varios magarefes; e eu pergunto a mim proprio, atônito e apavorado, se se trata apenas de uma loucura momentanea, ou se, na verdade, por bestiais instintos ainda latentes, o nosso povo prolonga moralmente o territorio que o estreito de Gibraltar só por acaso rompeu!

Mas o seu artigo reconciliou-me com a Patria e a Republica. Era o que eu, sem a escultural beleza das suas linhas, teria escrito. Dizem que nos meus tempos de jornalista não escrevia mal. E' possivel, mas nunca escrevi coisa que se parecesse com essa formosa pagina. Nem o meu presa-lo amigo torna a escrever coisa igual. Aquilo só se escreve uma vez, porque, se muitas se escrevesse, o coração, á força de lhe darem que fazer, acabaria por vingar-se.

Em todos os tempos a *coragem civica* foi sempre a mais difficil, e o seu artigo e um nobre gesto de *coragem civica*. O regime penitenciario, tumular e infamante, applicado a condenados politicos e... aquillo que nós lhe chamavamos nesses tempos (ai de nós! tão proximos mas tão longinquos) da propaganda. Na cabeça de um condenado politico o capuz e um diadema e um resplandor. De frente onde talvez nunca bruxuleiasse a alvorada mortica de uma ideia logo brota uma luz de estranho e irresistivel fulgor. Esses condenados, presos com a severidade, mas tambem com os respeitoes que lhe deve um regime que apenas procura defender-se, são delinquentes cuja sorte se deplora mas não e nsura. Alguns, perfectos ha-nens de bem a quem todos confiaríamos outro em pó, vexados, humilhados, escarnecidos, infamados, com a cabeça rapada, um numero por nome, uma roupa de galé e um capuz de morto-vivo na cabeça são mártires que fazem brotar o pranto dos olhos mais duros. E o Antonio José de Almeida tem razão: noventa e nove por cento dos que o leram, choraram. Eu, que não tenho a lagrima facil, chorei tambem. Os que não choraram não são portugueses: são paridos em Portugal, o que e diferente.

Não lhe repito os argumentos: se ha estragulos. E' aquillo mesmo assim como está, nem mais nem menos. E', sobretudo, o cumprimento honrado das promessas da propaganda, que nós todos os dias rasgamos com dementada furia. Era axioma da propaganda que, em qualquer hipótese, o delinquente politico deveria ter regime privativo, como tem a França, onde o caso está regulado por decisão de 4 de janeiro de 1890, como tem em toda a parte. O que nós sobre o caso pregamos, falando e escrevendo, encheria grossos volumes. Mas acontece com a hipótese o que com tantas outras tem occorrido: a retratação formal do que se escreveu e disse. E queixam-se depois das difficuldades da Republica. Como não há de ella sofrer, se somos os primeiros a comprometê-la, nós que deveríamos ser os primeiros a dar o exemplo.

Alega-se que nada se acha especialmente regulamentado para os condenados politicos. O argumento não tem o menor peso.

Todos os dias a lei e violada para o mal. Que se viole, ao menos, uma vez para o bem. Não ordena terminantemente o artigo 212.º do codigo do processo criminal militar que, *em caso algum*, a incomunicabilidade excederá *quarenta e oito horas*? Pois ha incomunicaveis *há quarenta e dois dias*. Ainda ontem estive com um. E sabe, entre outras coisas, de que ele e acusado? *De ter de certo modo tentado estimular pessoas incertas*. Está lá escrito, com todas as letras! E quer ainda saber qual e a *prova* dessa accusação? O depoimento de um individuo, *que ouviu dizer a pessoa de cujo nome se não recorda*, á qual, por sua vez, o preso *dissera*.

O Antonio José de Almeida pontifica de alto, como chefe de partido que e. Não tem com a sociedade do seu tempo o contacto intimo e de todos os instantes. Ignora o que, a pretexto de defesa da Republica, *que ambos defendemos desde 1890*, se está praticando por esse paiz fóra.

Praticam-se actos muito nobres, mas tambem grandes iniquidades. Sem que a demencia por tal de, despoada-se pouco o pais dos seus elementos mais prestimosos. Lisboa e o que o Antonio José de Almeida sabe; na provincia outro tanto ocorre. E só os republicanos bem intencionados podem pôr um dique á vertigem, porque não temos adversarios, porque a sua imprensa e a sua palavra estão mudas. Somos neste momento um regime cujo arbitrio nenhuma fiscalisação corrige.

Tinha mundos de coisas a dizer-lhe. Amo a Republica: se a amo! Mas amo-a como a proguei e sonhei: regime de ordem, de liberdade, de verdade e de justiça. Tinha, a pesar meu, de fechar esta carta e fecho-a reiterando as palavras de gratidão com que a principio. O meu voto e insuspeito. Não sou seu partidario. Fui-o de alguém e de quem com tristeza me aparte e jurei a mim mesmo que a mais ninguém hipotecaria a minha liberdade de pensar e proceder. Não perdi, porém, a qualidade de cidadão e essa manda-me dizer-lhe mais uma vez que o senhor praticou um acto muito limpo, muito alto, muito nobre e até muito intelligente, porque serviu-se, servindo a Republica.

Faça desta carta o uso que quizer e creia-me, com a mais alta consideração, colega, etc.

Cunha e Costa.

“O Correio do Sul”

E' o Semanario Republicano Evolucionista, orgão dos interesses das comarcas d'Almada, Aldegalega e Seixal, da direcção e propriedade no nosso presadissimo amigo Ribeiro de Carvalho, que nos deu a honra da sua visita, por tantos motivos apreciada e querida, e com quem promptamente estabelecemos a respectiva permuta.

Pujante de talento e cheio de energia, Ribeiro de Carva-

lho abre novos orisontes ás suas assombrosas faculdades de trabalho engrandecendo o seu partido com esse novo e valioso elemento de propaganda, mais especialmente destinado á região d'alem Tejo cujos interesses se propõe defender e onde o partido Evolucionista e Ribeiro de Carvalho contam valiosissimas dedicações.

Fazer votos pelo largo futuro e prosperidades do nosso illustre collega, e superfluidade de que não praticamos.

Quem póde apresentar como o «Correio do Sul» tão distinta direcção, administração e redacção, tem perfeitamente assegurado o seu futuro brilhante e uma existencia longa e prospera, que do coração lhe desejamos.

Um grande abraço a Ribeiro de Carvalho e respeitosos cumprimentos aos illustres collegas de redacção.

Adelino Augusto d'Araujo Lacerda

Com sua Ex.^{ma} Esposa regressou já a esta villa este nosso presadissimo amigo que após o seu casamento sahira em passeio nupcial pelos pontos e localidades mais formosas do paiz.

Dr. Alberto dos Santos Monteiro

Acompanhado tambem de sua Ex.^{ma} Esposa veio passar alguns dias na nossa terra, de cujas belezas e um apaixonado admirador o considerado medico militar Dr. Alberto dos Santos Monteiro.

Casamento

Effectuou-se no dia 28 do corrente mez o auspicioso casamento da Sra. D. Ermelinda da Silva Fernandes estimada e virtuosa filha do nosso presado sassignante e amigo José Henriques Fernandes do Carregal Cimeiro, com o honrado cidadão Augusto Barata Salgueiro, filho do nosso amigo Eduardo Barata Salgueiro, do Troviscal.

Testemunharam o acto os Srs. Vicente Fernandes Henriques e Maximino Henriques Lopes, sendo os noivos acompanhados de bastantes pessoas de sua familia e amizade que todos assistiram ao respectivo banquete.

Uma prolongada lua de mel seguida das melhores felicidades e o que sinceramente lhe desejamos.

O primeiro aeroplano em Portugal

A Creche *O Commercio do Porto*, fundada por iniciativa do nosso collega *O Commercio do Porto*, acaba de adquirir um biplano Farman-Maurice, typó militar.

O biplano, que está em viagem para o Porto, é de 15^m de envergadura, velocidade de 80 kilometros á hora, motor Renault, de 70 cavallos, podendo transportar a carga util de 300 kilos.

Os biplanos Farman são considerados os typos mais perfeitos de aeroplanos e, sobretudo, mais estaveis.

Esse biplano será por estes dias exposto ao publico e executará diversos vôos, sendo o producto destinado a augmentar o fundo da Creche *O Commercio do Porto*, cuja frequencia de creanças augmenta dia a dia, porque as mães que se occupam na faina do rio Douro comprehenderam os grandes beneficios da prestante instituição.

A apresentação do biplano em publico tem encontrado valiosas cooperações, que registaremos com prazer.

O biplano da Creche *O Commercio do Porto*, é dos typos mais aperfeiçoados e de grande estabilidade. Farman considera-o um dosapparelhos mais perfeitos sahidos das suas officinas. É igual aos que o governo de Italia acaba de adquirir.

Um aviador dos mais experimentados vem realizar os vôos com o apparelho.

As experiencias foram feitas em Buc, com pessimo tempo e, apesar d'isso, deram o melhor resultado. O vento era de tempestade: quando se calmava mais tinha a velocidade de 15 metros por segundo, chegando a passar de 25 e mesmo de 30, durante alguns minutos.

Apesar d'isso, o apparelho levantou-se serenamente, pilotado por Farman, conduzindo a bordo tres passageiros, entre elles um official francez e, depois de ter percorrido alguns kilometros em circuito fechado, veio pousar no ponto d'onde partira.

Isto deixou gratamente impressionadas as pessoas que assistiram ás experiencias, especialmente o dr. Cisneiros Ferreira, correspondente do *Commercio do Porto*, em Pariz, que cooperou valiosamente na aquisição do biplano.

Os officiaes japonezes que vão todos os dias a Buc, para aprenderem a pilotar, não deixaram de applaudir, apesar da sua frieza natural, exclamando a sua admiración. Um d'elles, que por conta do seu governo comprou já uns poucos de apparelhos e que passa por ser grande conhecedor na materia, dirigiu-se ao correspondente do *Commercio do Porto*, a felicitalo por haver feito aquisição de um apparelho tão estavel como aquelle.

Subscrição

Em beneficio da Creche

«*O Commercio do Porto*»

Redacção d'*O Figueiroense*, 1\$000.

Calor em Setembro

O astrónomo e metereologista inglez dr. Tockyer, director do observatorio de South Kensington, de Londres, diz que em consequencia de recentes estudos a que procedeu, o mez de setembro proximo será devéras quente.

Diz o dr. Tockyer que vamos ter uma ou duas semanas de chuvas, mas como está demonstrado no equilibrio atmospherico que a dois mezes seguidos de pressões barometricas baixas succede um mez de pressões elevadas, e se dá o caso de que em julho e agosto a depressão do barometro tem sido constante, aconteceu que decorridas estas duas semanas, apparecerá um mez de setembro muito quente, com todos os calores estivaes. Será assim? E' o que resta saber.

A nossa carteira

Retirou para os Cabaços o nosso Ex.^{ma} amigo Dr. José Eduardo Simões Baião.

→Para Santa Combadão saiu em goso de ferias, o nosso bom amigo Sr. Antonio Augusto de Brito, digno contador d'esta comarca.

→Para Lisboa retirou o nosso amigo Zillo Alves da Silva.

→Em goso de ferias sahio o nosso amigo Francisco Antonio Cardo, habil professor n'esta Villa.

→Retirou para Lisboa o Sr. Augusto Adolfo Homem de Mello, que n'esta Villa se encontrava de visita a seu primo, Sr. Dr. Augusto Henriques de Carvalho Ferreira, hospedado em casa do Meretissimo Delegado d'esta comarca.

Vimos n'esta Villa na presente semana os senhores:

→Dr. Albano Henriques d'Almeida e Julio Henriques Farinha da Conceição, de Pedrogam Grande.

→P.^o Hygino Lopes do Rego, de Agúda.

→Eduardo Dias de Carvalho, de Villa Facaia.

→Januario Dias Coelho, das Varzeas.

→Manuel Francisco dos Santos, do Troviscal.

→Emygdio Pereira, da Castanheira.

→P.^o Manuel Alexandre Alves de Carvalho e José Simões Junior, do Funtão Fundeiro.

→José Henriques Fernandes, do Carregal Cimeiro.

→Joaquim Coelho Nunes da Silva, da Graça.

→Abilio Godinho, de Almofalla de Baixo.

→P.^o José Rodrigues Cordeiro, d'Aréga.

→Manuel Lopes Marques, dos Moninhos Cimeiros.

→Tivemos o prazer de cumprimentar n'esta Villa, onde vieram em visita de recreio, os nossos amigos Srs. José Augusto Carolino, dignissimo capitão miliciano, acompanhado de sua gentil filha e filho, P.^o Eduardo Leitão, sua Ex.^{ma} mãe e irmã e Francisco Leitão e Ex.^{ma} esposa.

Mais uma operação cirurgica

O nosso illustre amigo e distincto medico Sr. Dr. Adelino d'Araujo Lacerda, extrahiu a forceps, á Sr.^a Maria Antonia d'esta Villa, uma creança do sexo feminino.

O nosso querido amigo, é inquestionavelmente um operador que muito honra a classe.

Veraneando

Partiu para Coimbra d'onde segue com sua Ex.^{ma} Familia para a Figueira da Foz, o M.^{mo} Juiz de Direito d'esta Comarca Dr. Luiz Mendes d'Oliveira Fernandes.

Para a mesma praia seguiu tambem a fazer uso de banhos o nosso amigo Antonio José de Lemos, dignissimo Secretario de Finanças d'este concelho.

Encontram-se no Engenho d'este concelho, que é decerto um dos mais

formosos pontos do Zezere, o illustre presidente da Camara, Antonio d'Azvedo Lopes Serra e suas Ex.^{mas} Irmãs, Manuel Gameiro Santos e sua Ex.^{ma} Esposa, cunhados e sogra; Joaquim Lacerda Junior, Augusto Lacerda e seu filho José.

Na Ribeira da Madre, igualmente d'este concelho, teem estado tambem com suas familias os nossos amigos João Augusto Simões Lopes, Diogo Mendes da Silva, Manuel Mendes da Silva, Aceureio Lopes, Antonio Ferreira, etc. etc.

Regresso

Encontra-se de novo n'esta Villa o nosso estimado amigo e Sr. José Mendes, habilissimo photographo amator e membro do Partido Socialista Portuguez.

Durante a sua estada em Lisboa assistiu sua ex.^a ás conferencias realizadas no Centro em que está filiado e que tenderam, ao que nos informam, em assentar na attitude do seu Partido perante o estado da politica portugueza.

O nosso bom amigo segue agora para o Cabril onde vae tirar algumas photographias das paizagens mais encantadoras d'aquelle grandioso e deslumbrante trecho do Zezere, photographias que lhe foram encomendadas e são destinadas, em grande parte, para a Africa e Brasil.

Espertezas de Nádafáz

Sobre umas referencias, de todo o ponto justas que aqui fizemos ao talento e saber do nosso presado amigo e illustre deputado Dr. Bissaia Barretto, veio o *lepróso pasquin dos mascarados* querer-nos dar lições, dizendo que S. Ex.^a se formasse em direito ainda não podia dizer-se bacharel em todas as faculdades visto que éstas são cinco e elle ficaria apenas formado em medicina, philosophia e direito!...

O' Burro, tu ignoras que S. Ex.^a tem já o 4.^o anno de mathematica e que foi extincta a faculdade de theologia?!

Nós não te disémos que elle fizera o quarto anno do curso superior de letras?!

A que vem então o teu espanto de palerma e o teu espirito de carangueijo?!...

Emfim: *alugado, mal pago e espancado* que diabo poderás tu dar mais que isso...

VENDAS

Vendem-se todas as propriedades de D. Amelia Lopes, estando encarregado dessa venda o Dr. Manuel Vasconcellos.

ARMAZEM MUSICAL

GAUDENCIO D'ALBUQUERQUE

85 — R. do Poço dos Negros — 85

LISBOA



Grande variedade em guitarras, bandolins, violas, mandólas, harmoniums, etc. Cordas e bordões para todos os instrumentos, qualidade garantida. Métodos para guitarra e bandolim, sem musica e sem mestre a 400 reis.

Musicas para bandolim

a 120 reis.

Gramophones, o que ha de mais perfeito a 8\$000 reis, discos duplos a 700 reis

Enviem-se catalogos gratis.

MAQUINAS UZADAS

em muito bom estado

Vendem-se 3, por 9\$000, 18\$000 e 25\$000 reis.

LOJA DO POVO

FRANCISCO RODRIGUES FERREIRA

FIGUEIRO DOS VINHOS

HOTEL VIZIENSE

REGISTADO

Rua dos Douradores, 7—1.^o

LISBOA

O Proprietario previne os Srs. passageiros que não se deixem illudir por intrusos que se dizem empregados da casa para assim os ludibriar levando lhes preços exorbitantes em comparação aos que acturalmente tem, que são:

Almoço, separado.....	300
Só café e pão.....	100
Jantar e pão.....	400
Diaria " 800.....	1\$000
Só dormida (por pessoa) 200 a	300

N'estes preços está incluído vinho ás refeições.

Peco mais a fineza de verificar o **Emblema do bonet** o qual tem os dizeres da casa que o emprega-lo representa, evitando assim, o irem para ontra. **Mais** previne que Neste Hotel tem Empregados habilitados para acompanhar os Srs. Passageiros gratuitamente ás Agencias e indicar-lhes a melhor forma de Embarque e condução das suas Bagagens evitando assim o serem explorados.

Pede aos que desejam procurar o seu hotel, o avisem para os ir esperar. **Neste hotel** trata-se de procuração e facilita-se o recebimento de letas.

O Proprietario
Antonio do Carmo Caiado.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

CENTRO COMMERCIAL

DE
MANUEL LOPES BRUNO
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Vendas a retalho e por atacado

Fazendas de lã, linho, algodão, seda e algodão mercerizado.

Modas, guarnições e confeções em todos os generos.

Mercearias, quinquilherias, bijouterias e miudezas.

Camas de ferro, colchões e enxergões.

Editor da nova colleção de postaes illustrados de Figueiró e grande sortimento d'outros postaes illustrados de alta novidade e grande phantasia, dos melhores autores.

Tapêtes para salas e quartos.

«Agente da companhia de Seguros «Universal»

Deposito de malas de viagem, em lona e folha,
de diversas côres e feitios

Esta casa assim se pode dizer: E' o estabelecimento que sem duvida alguma de ninguem, apresenta o maior e mais completo sortido, e sempre as maiores e mais rapidas novidades em qualquer artigo,—seja elle qual fôr.— E seja qual fôr o artigo de mais embaraço que seja preciso, e que o não haja por qualquer motivo na ocasião, esse freguez pode considerar-se servido sem obstaculo algum, pela volta do correio.

ESTAÇÃO DE VERÃO

Atendendo á grande variedade de tecidos que esta casa apresenta, é assim impossivel descreve-los todos, pois o seu sortido é sem duvida o que há de mais «chic» e mais moderno, e mais bem escolhido. Assim menciona aqui alguns dos tecidos que mais largamente se vendem, já pela sua beleza e já pelos seus preços serem muito convidativos, visto que delles fazem parte grandes SALDOS que o seu proprietario obteve em diversas fabricas:

Chitas, riscados, zefires, panamás, gorgorinas, brocados, fustões, brilhantinas, sedinhas, chinezas, setinetas (côres lisas e estampadas) para saias, cassas, crepons (tecido d'alta moda), escocezes de lã e algodão em todos os preços e desenhos, e muitos outros tecidos abertos, brancos e côres de grande novidade para vestidos, blouses e roupas de criança. Tecidos côr: crua, creme, ciel, camarão e resedá, muito «chic» para camisas e blouses de senhora e criança.

Quimones (a grande moda) ha um lindo sortido em côres e desenhos, que teem tido grande venda.

A ultima palavra

Tecidos em gases muito transparentes, em côres: rosa, branco, ciel, lilás, verde claro, róxo e noutras côres, tudo com pintuihas, com 1^m,5 de largura ou seja um córte de Quimono.

Sortido sem rivalidade em tecidos pretos de lã e algodão preto, e apropriados só a luto.

Chapéus de palha fininhos, em diversos modelos para criança; e ditos mais grossos de 40 a 100 reis.

Ditos muito fininhos para senhora e criança adquados para Pic-nichs.

Guardas-sol e sombrinhas d'algodão e seda para senhora e homem, chegou grande remessa d'este artigo, onde se encontra o que ha de mais «chic» para senhora.

Gravatas, punhos, colares, pingas, lenços e abotoaduras.
(Sempre novidades a chegar d'estes artigos).

Perfumarias e essencias dos mais acreditados fabricantes estrangeiros.

Uma visita a titulo de experiencia ao

Centro Commercial.

CAFÉ!!!

Experimentem o que se vende na mercearia

Cinco de Outubro

situada ao rego na casa da Ex.^{ma} Sr.^a D. Henriqueta Guimaraes Cid.

Todos os que experimentarem continuarão.

O Proprietario
Benjamin A. Mendes.

Alvaiade VEADO

A melhor marca que existe

A' venda nas principaes Dro-
garias de Lisboa e
Provincias.

Fabrica e escriptorio—Boqueirão
dos Ferreiros, 16 e 17.

(á Boa Vista)

LISBOA

ATENÇÃO!

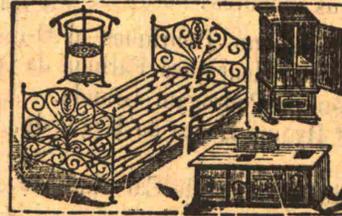
LOJA
DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

O proprietario Benjamin A. Mendes, participa a toda a sua clientela que devido ao grande sortido que fez para as occasiões da feira, resolveu fazer grandes abatimentos nos artigos abaixo mencionados e bem assim n'outros que aqui não annuncia.



Camas de ferro a 2\$000.

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de ma-

deira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Ferro em barra e arco para vazilhame.—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes.

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda-se vir em acto continuo.

Especialidade em queijo de Beja

Vende-se em

ALDEIA D'ANNA D'AVIZ
CASA HERDADE

NOVA AGENCIA DE EMIGRAÇÃO EM POMBAL

Francisco Dias Móra, participa a todas as pessoas que desejem sahir para qualquer dos portos do Brazil, Africa ou França, que est^o habilitado legalmente a tratar de todos os documentos para a concessão dos respectivos passaportes.

Atendendo á sua longa pratica, garante a todos os passageiros que procurarem a sua agencia, que obterão o seu passaporte por uma differença relativamente grande a menos, pois que terá sempre em vista evitar o maior numero de despezas possiveis.

Nenhum passageiro precisa incomodar-se para tratar dos seus documentos, basta trazer a sua certidão de idade e n'esta agencia se trata de tudo o mais.

Vendem-se bilhetes de passagem para qualquer dos portos, pelos mesmos preços de Lisboa e Porto e fornecem-se PASSAGENS GRATUITAS A FAMILIAS D'AGRICULTORES MULHERES OU HOMENS SÓS.

Procurem, pois, a nova agencia de Francisco Dias Móra, Ponte Pedrinha—Pombal.

CARLOS LIBORIO

COM
ESTABELECIMENTO
DE

Mercearia, quinquilherias,
ferragens, drogaria, vidraça,
petroleo, charruécós para lavou-
ra, enxofre, sulfato de cobre,
cimento e muitos outros artigos

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Encarrega-se do transporte de encomendas de Pombal, sendo-lhes enviadas as respectivas senhas do caminho de ferro, mediante pequena remuneração.

Manilhas de Mi- randa do Corvo, pa- ra encanamentos d'a-

gua. Depositario n'esta villa

Carlos Liborio

Figueiró dos Vinhos.

LA HACIENDA

REVISA mensal illustrada sobre agricultura, creação de gado e industrias rurales. Editada em portuguez em Buffalo, N. Y., E. U. A. para o beneficio dos Snrs. Agricultores, Commerciantes, Banqueiros e outras pessoas amantes do progresso. Assignatura annual 12\$000 moeda brasileira, ou 4\$000 moeda portugueza. Para mais informações dirija-se á

LA HACIENDA COMPANY

Dept. N. Buffalo, N. Y., E. U. A.